

# DOSSIÊ



## APRESENTAÇÃO

*Luciane Munhoz de Omena\**

*Pedro Paulo de A. Funari\*\**

*“Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,*

*A lembrança de uma sombra*

*Em nenhum coração, em nenhum pensamento.*

*Em nenhuma epiderme.*

*Morrer tão completamente*

*Que um dia ao lerem o teu nome num papel*

*Perguntem: “Quem foi?”*

*Manuel Bandeira. A morte absoluta.*

\* Professora Adjunta de História Antiga da Universidade Federal de Goiás\Brasil. Pós-doutoranda no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais\UNICAMP sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari. Bolsista CAPES. E-mail: lucianemunhoz34@gmail.com

\*\* Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas\Brasil. E-mail: pfunari@uol.com.br

A atitude em relação à morte e a imagem da morte são temas recorrentes e perceptíveis nas sociedades. Ao longo do tempo e das gerações, o destino funesto da morte, em que o ser humano se sujeita à mortalidade, produziu diversas representações sobre a compreensão da finitude humana. Morrer é um fato. Logo, a experiência social da morte torna-se um elemento a ser explorado. Não mais consideramos, no mundo de tradição ocidental, um entretenimento assistir a enforcamentos, esquiteamentos ou suplícios na roda (ELIAS, 2001, p. 08), entretanto, em nossa contemporaneidade, as imagens da morte pululam em telejornais e em outros meios de comunicação. Mulheres espancadas até a morte por seus cônjuges, homossexuais torturados e assassinados em função de suas orientações sexuais, mendigos incendiados e mortos nas ruas das grandes cidades, tal como Goiânia e São Paulo. [

A morte torna-se uma protagonista, e no entanto, tendemos ainda a considerá-la um tabu, transformando-a em assunto destinado aos médicos ou aos especialistas da morte (por exemplo, agentes funerários, hospitais e asilos (HOPE, 2011, p. XI)). Seguindo esta linha de raciocínio, este desconforto peculiar produz outro elemento desolador, a morte social, que implica, nesta circunstância, esquivar-se da vida em coletividade

ou, em outras palavras, deixar de compartilhar coisas comuns à comunidade (cf. FUNARI, 2008). Grupos sociais ou indivíduos, a exemplo de idosos em asilos, muitas vezes, tornam-se mortos para a sociedade, antes mesmo de sua morte física. Na argumentação de Elias (2001, p. 80), a velhice vem incorporada à ausência de jovialidade, às dificuldades de deambulação, à flacidez do tecido muscular, ao enrijecimento das juntas, associados à diminuição da renovação de células novas que produz, em termos simbólicos, resistência à velhice e à proximidade com a morte. Isso nos leva a crer que a morte de si e dos outros incorpora, na atualidade, uma “ansiedade social” (HOPE, 2011, p. XI), à medida que “a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte” (ELIAS, 2001, p. 17). Deste modo, a morte torna-se mais silenciosa, menos pública, se compararmos à Antiguidade Clássica, à medida que o contato com a velhice, assim como também com os moribundos, marcam, de fato, uma nítida separação entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Em função deste tabu, sociólogos, historiadores, filósofos e arqueólogos passaram a se interessar na forma como as pessoas morrem, no tratamento dos corpos e na maneira como os mortos são lembrados ou, dependendo das circunstâncias, condenados ao esquecimento.<sup>1</sup> Sendo assim, a morte social vincula-se ao processo de esquecimento que pressupõe, ao parafrasear Bandeira, “morrer mais completamente ainda, sem deixar sequer esse nome” (BANDEIRA, 1986, p. 254).

Tal como entendemos, a morte é um processo histórico e, em razão disso, os homens buscaram meios de lidar com ela, e assim as representações fúnebres, por exemplo, se desenvolveram em diferentes espaços culturais. Diversos são os ritos, mas para os nossos propósitos, destacaremos, nesse dossiê, as sociedades grega e romana a partir de evidências arqueológicas e da cultura escrita, as quais incidem em práticas mortuárias, em ritos, em simbologias que se transformaram em espetáculos de poder.

Nessa perspectiva, o combate à morte social na epopeia de Homero pode ser vislumbrado a partir da rememoração e do louvor do poeta, o qual preservava a glória do herói, mantendo, desta feita, os valores sociais representados pela beleza, juventude, virilidade e coragem (VERNANT, 2001, p. 83). Morrer em campo de batalha – *eutanasia* – implicava não pôr fim a uma existência dolorosa, mas ganhar, de fato, a glória de

1. Referências sobre pesquisas que privilegiam à compreensão das representações mortuárias: PLASS, 1991; REIS, 1995; VERNANT, 2001; BROWN, 2001; ARIËS, 2001; STERN, 2008; WALLACE-HADRILL, 2008; METCALF & HUNTINGTON, 2010; DURKHEIN, 2011; entre outros mais

todos os tempos. O *kléos* (reputação) do herói - garantida em função de sua devoção à guerra - representava, por excelência, a sua perpetuação ao longo das gerações, à medida que se inseria na memória social a sua condição de indivíduo como combatente. Como propõe Iriarte (2007, p. 15), a oração fúnebre de Péricles em Tucídides (460 - 400 a.C.), diferente do herói homérico, criou ideais de “cidadãos-soldados mortos pela pátria”, que incorporavam a virilidade e, dessa forma, a cidade de Atenas consagrava a sua própria imortalidade política por meio da imortalidade de seus cidadãos-soldados. Morrer em combate implicava, com efeito, incorporar-se aos valores cívicos (LORAU, 1994, p. 45).

Nesse contexto de batalha, a morte heroica e a incorporação de valores cívicos romanos, em algumas localidades, tal como a Bretanha, a exemplo dos monumentos funerários da *Legio II Augusta*, apresentava uma linguagem e uma decoração simples e, em alguns casos, como indicou o estudo de Hope (2003 a, p. 126), não se podia definir a forma do monumento em função de suas condições precárias. No entanto, em grande parte destes epitáfios encontram-se relevantes informações contendo o nome do falecido, sua posição, título da unidade no momento da morte, nome do comemorador ou o responsável pela construção da lápide. De acordo com a autora, os primeiros anos de ocupação da legião contribuíram para a criação, em termos simbólicos, da ideia de “unidade militar, continuidade e *romanitas*” (HOPE b, 2003, p. 134). Alguns lembrarão que os antigos não usavam o termo *romanitas*, mas podemos usar esse neologismo para designar certo comprometimento dessas pessoas com o mundo romano no qual se inseriam. As necrópoles transformavam-se em ambientes, que propiciavam um senso de comunidade vinculado ao exército, pois, a partir das lápides, os homens tornavam-se soldados e, ainda mais, romanos.

Partindo desse contexto, as imagens produzidas nas representações mortuárias associadas às procissões funerárias romanas e gregas, às estelas, aos frisos, aos diversos formatos de túmulos (mausoléus, pirâmides, templos, entre outros), aos epitáfios e ao simbolismo da morte fomentavam a produção de uma memória seletiva, digna de lembrança, que, de fato, criava um passado comum a ser incorporado à memória social. Como se percebe, o estudo dos cerimoniais funerários, em especial, as procissões e seus ornamentos, presentes no espaço

público, permite observar como promoviam indivíduos e sua póstuma memória, que, comprometidos com a *uirtus* romana ou o *pátrios nómos* (a norma advinda da tradição), propiciavam a manutenção e o equilíbrio social, mas também para revelar conflitos e hierarquias sociais.

O relato do funeral em Políbio (*Histórias* VI, 53.54) vem corroborar também com a compreensão da morte, em termos sociais e não somente em seus aspectos políticos, pois, assim como entendemos, as imagens do morto e de seus ancestrais, a comoção pública e, por fim, o discurso masculino no *Rostrum* sobre a relevância do falecido na comunidade política e a comemoração das honras dos ancestrais, com ênfase às virtudes cívicas e seus méritos, refletiria de maneira positiva, segundo a argumentação de Políbio, no comportamento de um jovem romano.

Dessa forma, o papel social dos mortos torna-se, em nosso discurso, relacionável à produção de memória e esquecimento, pois, como compreende Gowing (2005, p. 13), os romanos, embora criassem instâncias reguladoras para o mundo dos vivos e dos mortos, não os submetiam ao isolamento social. Com isso, os monumentos mortuários dedicados aos familiares e indivíduos expressavam, com muita nitidez, construções identitárias em consonância com a promoção pública de suas imagens; nomes, rostos, sucessos ou, em outro sentido, solicitavam aos visitantes ou, qualquer transeunte informal, lembrar de seus mortos, não esquecer a finitude da vida e, ao mesmo tempo, fomentar seus sentimentos de dor e perda.

Nesse sentido, os estudos sobre as representações da morte no Mediterrâneo Ocidental e Oriental vêm incorporados aos vestígios escritos, incluindo narrativas textuais e vestígios fornecidos pela cultura material nos sítios arqueológicos, que, em abundância, nos brindam não somente com as formas dos túmulos, mas também nos colocam em contato com as diversas possibilidades de interpretação histórica da morte. Deste modo, a ideia e iniciativa de elaborar o dossiê, para contemplar um tema rico e instigante como a morte, pretende suscitar, portanto, a partir de pesquisas e inquietações de estudiosos em Antiguidade Clássica, reflexões críticas sobre as várias concepções e simbologias da morte. Isto, em um momento em que, dadas as nossas circunstâncias sociais seria, talvez, salutar compreender as diversas facetas da morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Trad. Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- BROWN, Ron M.. *The art of suicide*. London: Reaktion Books LTD, 2001.
- DURKHEIN, Émile. *O suicídio*. Estudo de sociologia. Trad. De Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FUNARI, P. P. A.. A diversidade de concepções sobre a morte e a magia: uma abordagem antropológica. In: BUSTAMANTE, R. C. (org.). *Vida, morte e magia no mundo antigo*. Rio de Janeiro: NEAUERJ, 2008, 68-74.
- HOPE, Valerie M.. Introduction. In: HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet (orgs.). *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbow Books, 2011a, p. XI-XXIV..
- \_\_\_\_\_. Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier. In: WILLIAMS, H. *Archaeologies of remembrance. Death and memory in past societies*. New York: Kluwer Academic, 2003b, 113-140.
- GOWING, Alain M. *Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- IRIARTE, Ana. Morir de parto en la Grecia Arcaica y Clásica. In: SIMÓN, F. M.; POLO, F. P.; RODRÍGUEZ, J. Remesal.. *Formae mortis: el tránsito de la vida a la muerte en las sociedades antiguas*. Barcelona: Publicacions i Edicions, 2007, pp. 13-24.
- LORAUX, Nicole. *Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1994.
- METCALF, Peter; HUNTINGTON, Richard. *Celebrations death. The anthropology of mortuary ritual*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- PLASS, Paul. *The game of death in Ancient Rome*. Arena, sport and political suicide. London: The University of Wisconsin Press, 1995.

POLIBIO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1996.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

STERN, K. B. *Inscribing Devotion and Death*. Archaeological Evidence for Jewish Populations of North Africa. Boston: Brill, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. *El individuo, la muerte y el amor en la antigua Grecia*. México, Buenos Aires e Barcelona: Paidós, 2001.

WALLACE-HADRILL. Housing the Dead: The Tomb as House in Roman Italy. In: BRINK, Laurie; GREEN, Deborah (eds.). *Commemorating the Dead: Texts and Artifacts in Context*. New York: Walter de Gruyter, 2008, p.39-77.